



João Cassiano Santos

Nasce em Faro, em 1964. Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, em 1986.

Em 1994 forma o ARTE TECTÓNICA, Arquitectura e Desenho, Lda. com Luís Gonçalves atelié que ganhou os seguintes prémios: 1º Classificado, Concurso Público do Instituto Superior Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro; 2º Classificado Concurso Público do Complexo de Artes e Ciências Humanas, da Universidade de Évora; 2º Classificado Concurso Público, Escola Superior de Desporto - Rio Maior; 3º classificado Concurso Público dos Tribunais de Trabalho, Família e Menores do Porto; 3º Classificado Concurso Público "Escola Superior Tecnologia e Gestão" do Instituto Politécnico de Beja.

Nos 12 anos de actividade profissional destaca as seguintes obras: Estalagem de São Domingos, Mértola; Edifício B do Instituto de Contabilidade e Administração da Universidade de Aveiro; Mercado Municipal da Cova da Piedade, Almada; Habitação Calçada da Boa Hora, Lisboa; Habitação R. da Vinha, Lisboa; Pavilhão Swatch, na Expo'98, Lisboa. Arquitecto local de PFAU Arch., Califórnia.



**Francisco Aires Mateus
Manuel Aires Mateus**

Francisco Aires Mateus nasce em Lisboa, em 1964. Arquitecto pela F.A./U.T.L., em 1987.

Manuel Aires Mateus nasce em Lisboa, em 1963. Arquitecto pela F.A./U.T.L., em 1986.

Trabalharam no estúdio Gonçalo Byrne. Formam o estúdio Aires Mateus & Associados em 1988. Professores convidados em Lisboa (F.A./U.T.L., U.L.L. e U.N.L.), na Graduate School of Design, Harvard University, EUA, em 2002 e 2005. Professores Convidados na Accademia di Architettura, Mendrisio, Suíça, desde 2001 e na Universidade de Ljubljana em 2003. Receberam diversos prémios dos quais se destacam: da A.I.C.A. - Associação Internacional de Críticos de Arte - Portugal, 2006; de Arquitectura e Urbanismo de Aveiro, 1º lugar, Aveiro 2005; RS04 - Residência Singular 2004, 1º lugar, Madrid 2004; Prémis FAD d'Arquitectura i Interiorisme, Barcelona 2001, 1º lugar, Interiorismo e Obres finalistes em 2000 e 2003; Prémio VALMOR 2002, 1º lugar, Lisboa 2002; II Bienal Ibero-Americana de Arquitectura, 1º lugar, México e Prémio Luigi Cosenza, 1º Prémio, Nápoles, ambos em 2001 e Prémio Architècti/Arkial, 1º lugar, Lisboa 2000. Têm participado em diversos concursos e desenvolvido projectos a diversas escalas em Portugal, Irlanda, Itália, Marrocos, México e Suíça. Têm realizado diversas conferências e seminários em todo o mundo e diversas exposições internacionais designadamente na Alemanha, Canadá, Eslovénia, Espanha, Estados Unidos, Itália, Portugal e Suíça.



João Álvaro Rocha

Nasce em Viana do Castelo, em 1959. Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1986. Inicia actividade docente, em 1988/89, no Curso de Arquitectura da Escola Superior Artística do Porto. De 1990 até 2001 foi professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e leccionou na Ecole d'Architecture de Clermont-Ferrand, em 1989/90, na Escola Superior de Arquitectura da Universidade Internacional da Catalonha - Barcelona, em 1998/99, na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Navarra - Pamplona, em 1998/2004, no Departamento de Arquitectura da Universidade de Cornell - New York, em 2000 e na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, em 2003. O seu trabalho tem merecido a atribuição de diversos prémios, sendo de destacar: Prémio Nacional de Arquitectura - Primeiras Obras - 1993, Prémio Architècti/CBB, 1994, Prémio INH, 1997, Prémio AIA CE DESIGN AWARD - 2001. Foi finalista dos Prémios Iberfad e FAD de Arquitectura, em 1996, 2000 e 2002 do Prémio Mies van der Rohe Award for European Architecture, em 1999 e do Concurso de Ideias sobre Vivenda Social, Madrid 2003.





Sólido simples e múltiplo

texto crítico de Nuno Lourenço, arquitecto

1. O contexto deste projecto é o da mudança de usos resultante do fim do ciclo económico da exploração do minério do cobre.

2. Sublinho a importância que a cultura da mobilidade assume cada vez mais nos estilos de vida, na economia e consequentemente na paisagem. A hipermobilidade generalizada gera também a procura da diferença, do específico e do extraordinário, e portanto constitui-se como um factor objectivo de diferenciação cultural entre pessoas e entre lugares.

O projecto interpreta com exactidão o contexto em que opera, adoptando uma linguagem arquitectónica adequada ao exigente simbolismo do novo conjunto edificado. Como sempre aconteceu na melhor arquitectura portuguesa, procura (e encontra) o justo composto de atopia e contextualização, de cultura internacional e resiliência local.

3. Este processo, pleno de ambiguidades, reflecte por um lado um sentido muito prático e económico de aproveitamento e valorização do trabalho feito por outros, antes de nós, e por outro lado produz o registo constantemente actualizado da relação entre velho e novo, entre forma e significado, entre construção e paisagem.

A forma como se estabelece a relação entre o edifício existente recuperado e a nova ala de ampliação é uma sábia aplicação de muitas lições da história da arquitectura portuguesa.

O critério de implantação é defendido em face de acessos, exposições e vistas adoptados pelos antigos. Na ampliação, não se abdica de uma imagem arquitectónica consequente com os processos construtivos do presente. Respeita-se a escala e a simplicidade dos volumes, a forma de assentar no terreno, a plasticidade dos paramentos em vez da exibição da estrutura. Aproveita-se o declive do terreno para instalar o auditório sem aumentar a altura do edifício.

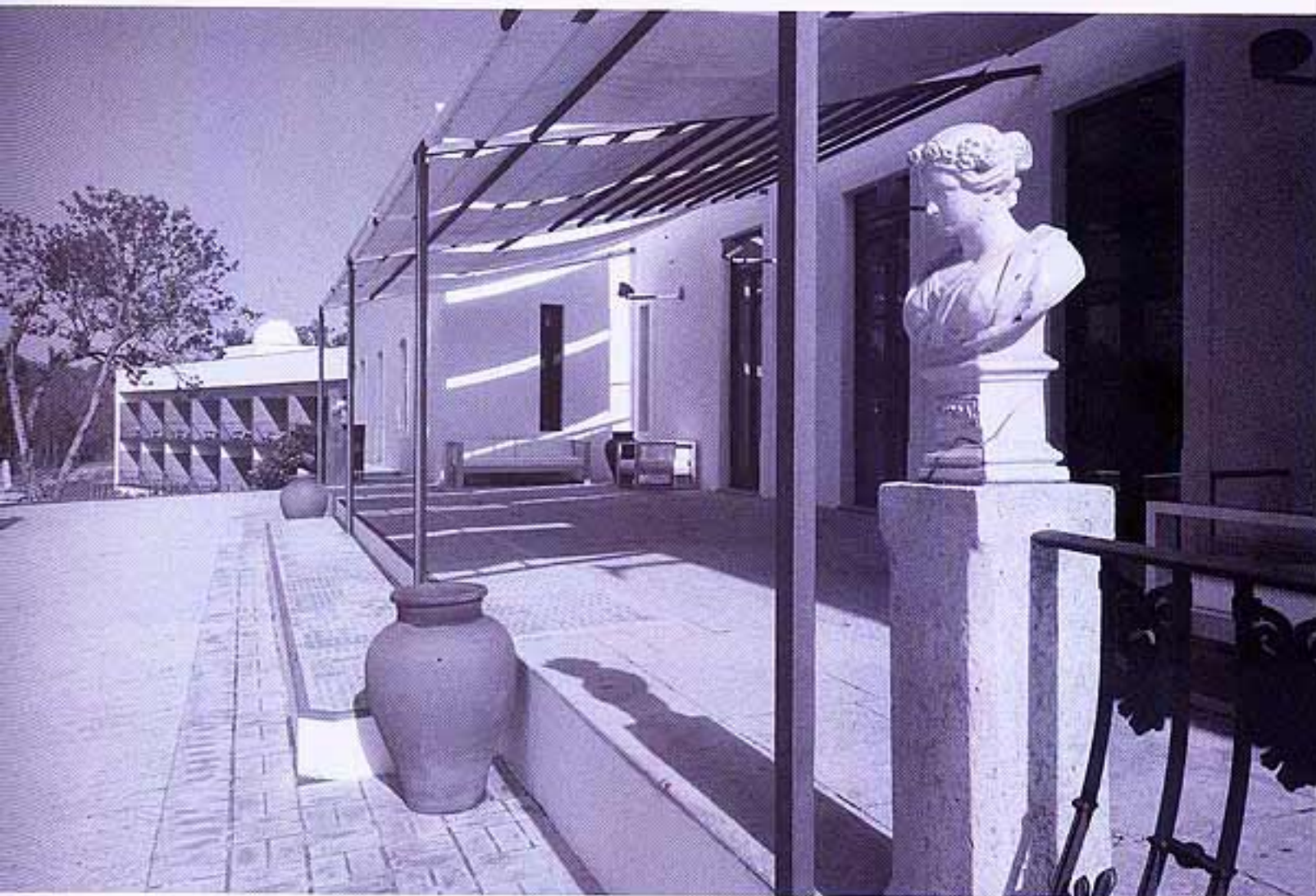
No interior, sendo nítida a continuidade das dimensões dos espaços de circulação, é sempre patente se estamos na ala antiga ou na ala nova. A localização das funções não obedece a qualquer esquematismo velho/novo que seria óbvio e inútil. Há quartos na ala velha e quartos na ala nova. Há espaços de utilização comum em ambas as alas (refeições, auditório, torre de observação). As funções instalam-se de acordo com o que é prático do ponto de vista do uso e da dimensão dos espaços disponíveis.

4. É no âmbito deste contexto e deste método que a obra ganha sentido e desenvolve carácter autónomo, explorando um contraponto entre espaços singulares (as áreas comuns)



e espaços tipo (os alojamentos), interligados através de um contínuo cinético de corredores e escadas. Dos espaços singulares, vou destacar o núcleo de recepção e restauração, instalado na zona da entrada principal e organizado à volta do pátio central da casa pré-existente. Vou destacar também a torre de observação e a piscina.

O primeiro porque consegue fazer a "migração" funcional de forma particularmente feliz, adaptando espaços que já antes tinham usos semelhantes, ora diluindo paredes em arcadas, ora restaurando tectos, frisos e chaminés, ora acrescentando uma linguagem moderna na iluminação, nos balcões e no mobiliário. Os segundos por acrescentarem aspectos inovadores, fundamentais para o carácter do novo conjunto. A torre de



observação de estrelas, para além do eficaz nexo poético da sua função, introduz a verticalidade na volumetria do conjunto. Não obstante a moderada altura da construção, cria o necessário contraponto à expansão predominantemente horizontal da ala de quartos. É discutível a sua localização no extremo oposto da entrada principal e das zonas sociais da estalagem. Poderia ter-se localizado na intersecção das duas alas celebrando esse momento numa área mais central ao conjunto. Mas é, em qualquer dos casos, um elemento decisivo na identificação de uma "nova entidade composta" em vez de uma "velha entidade ampliada". A piscina é também um elemento de congregação do edificado. É um espaço resguardado pela construção de ventos e acessos públicos, orientado para a maior profundidade de vistas e melhores exposições.

Nos espaços tipo vou destacar o trabalho das proporções que é sempre determinante no desenho de qualquer instalação hoteleira. Falo das proporções entre corredor, instalações sanitárias, quarto e varanda. O resultado é ótimo porque, sem sacrifício do habitáculo propriamente dito, oferece aos hóspedes exactamente o que falta na esmagadora maioria dos hotéis e deve ser valorizado neste tipo de alojamento, corredores amplos e iluminados, varandas generosas. Estamos tão condicionados a dimensionar "circulações" com regulamentos de todo o tipo que quase sempre, por avareza ou desinteresse, perdemos a oportunidade de conceder a uma "circulação" o mérito arquitectónico que esta potencialmente tem. Esta observação traz-nos precisamente de volta ao "continuo cinético de corredores e escadas" de que falava acima. Assim como numa cidade, o espaço público por onde se movem as pessoas caracteriza

a sua espacialidade, constitui a sua estrutura e determina as relações entre as partes, viabilizando a unidade de um determinado organismo, num edifício deste tipo é o conjunto dos espaços de ligação, que trazem sentido à sua vivência, pois marcam a qualidade dos percursos, a beleza dos movimentos, a variedade de luz, som e profundidade.

O espaço colectivo desta estalagem oferece-nos esta vivência múltipla. Oferece-nos sons, reflexos, visões periféricas, que evocam memórias, desejos e segredos. E isto é mais do que se pode pedir a uma simples obra de arquitectura.

Partindo do que se herdou, da imaginação e do trabalho, chegamos a um novo lugar, mais complexo e mais rico, mas ainda suficientemente simples e sólido para voltar a ser transformado no futuro.

Planta Piso 0





Corte AA



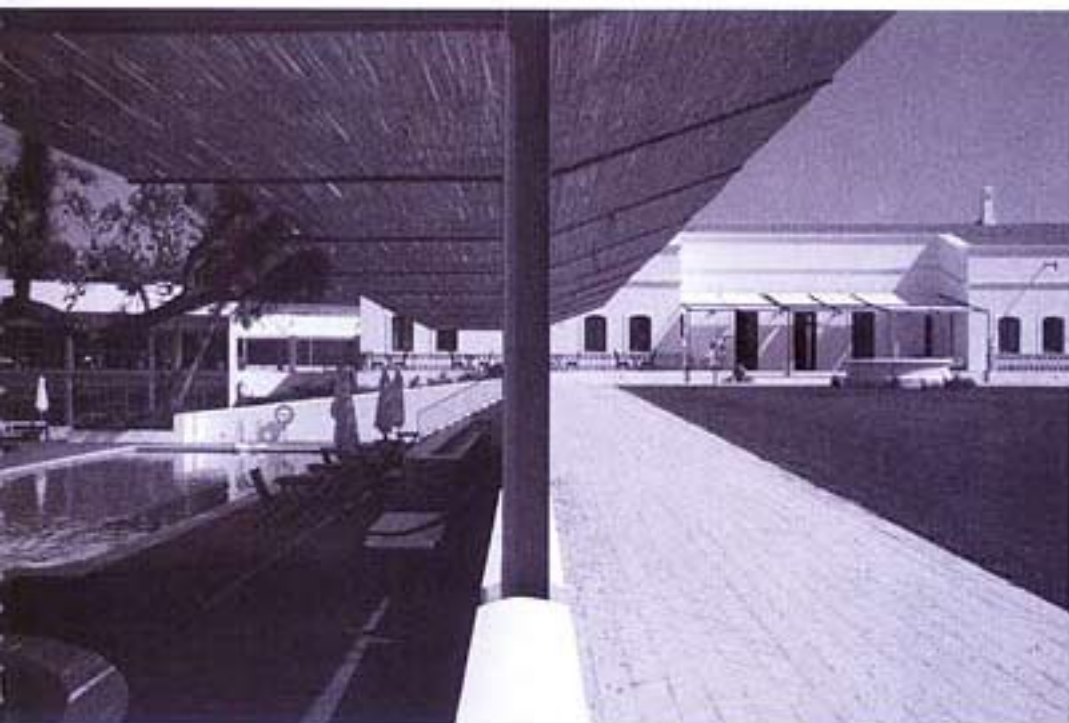
Corte BB





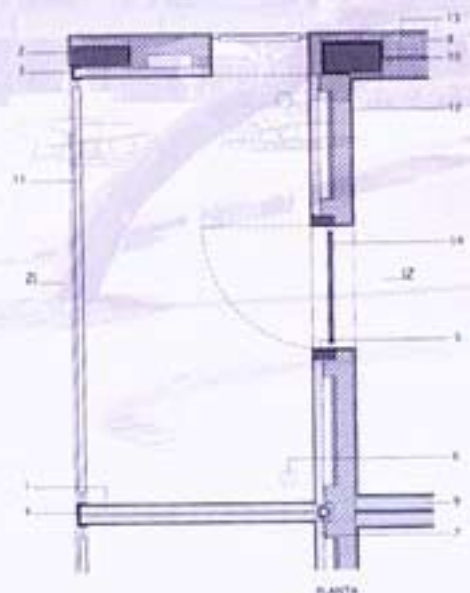
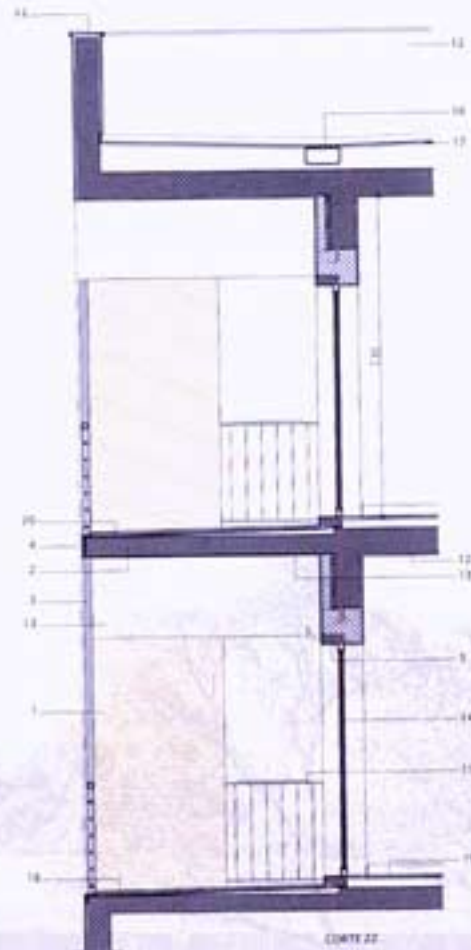
Alçada Sul



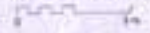


Autor: João Cassiano Santos – ARTE e TECTÓNICA **Colaboradores:** Luis Maria Gonçalves, Ana Rita Gama, Paulo Gomes, Frederico Durão, Tânia Oliveira e José Martelera
Localização: Mina de S. Domingos, Mértola **Data:** 2004 **Fotografia:** Miguel Coelho





FORMENZIÇÃO DAS EXIBIÇÕES



- 1 - Vitrô de vidro fixado a malha metálica
- 2 - Balaço
- 3 - Perfil LUPP 200, mecanizado e pintado a pó com o sistema Cerâmica Alumina
- 4 - Perfil LUPP 200, mecanizado e pintado a pó com o sistema Cerâmica Alumina e Alumínio
- 5 - Arco em ferro pré-fabricado
- 6 - Montepiso 220 (Sopaflex)
- 7 - Tuba PVC Ø 100
- 8 - Tapa furado Ø 11
- 9 - Tapa furado Ø 11
- 10 - Pedestalete extrudado
- 11 - Guarda metálica perfurada e soldada. Cui é feita alumínio e conectada em madeira de madeira
- 12 - Relevo gravado a Acrílico (Metacril) com MGS 5 21MPV
- 13 - Relevo gravado a Ureia (Nylon) com branco de cal
- 14 - Caixa (Módulo) alumínio-madeira 3,1 (vitrô duplo (Diflex))
- 15 - Balaço em aço
- 16 - Calceira em titânio
- 17 - Tipografia aplicada e 1ª junta aberta (São Paulo)
- 18 - Molinete de vidro gravado 20x10 preto (Tigari)
- 19 - Sinal de deslocação do massaporcelite (Indústria)
- 20 - Tapa PVC

